

GRAZIELLA

Título original:
Graziella

© desta tradução: Minotauro, 2025

Autor:
Alphonse de Lamartine

Tradução e introdução:
Ricardo Mangerona

Revisão:
Luís Afonsoca

Capa:
Susana Villar

Imagen de capa:
Graziella (1878) – Pintura de Jules-Joseph Lefebvre (MET, 87.15.111)

ISBN:
978-989-92-0443-0

Depósito Legal n.º

Paginação:

MA

Impressão e acabamento:
?????

para
Minotauro
Novembro de 2025

MINOTAURO, uma chancela de Edições Almedina, S.A.
Avenida Emídio Navarro, 81, 3.º D
3000-151 Coimbra – Portugal

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida,
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,
incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor.
Qualquer transgressão à lei dos Direitos de Autor será passível
de procedimento judicial.

GRAZIELLA

LAMARTINE



MINOTAURO

Índice

Introdução

Como construir uma ruína	9
Capítulo primeiro	23
Episódio	31
Capítulo segundo	67
Capítulo terceiro	87
Capítulo quarto	107
O primeiro desgosto (<i>Le premier regret</i>)	159

Introdução

Como construir uma ruína

Há livros que têm um cheiro muito característico. Não se trata do saboroso cheiro do papel, meio achocolatado, que dá a certos livros velhos o gostinho especial de bolo da avó, ideal para uma tarde de chuva. Esse é o cheiro de fora. Varia com a edição, a idade e outras condições materiais inerentes à manufatura do livro-objeto. Refiro-me a outra ordem de odores que é quase, ou devia ser, um campo autónomo da semiótica. Está por fundar uma ciência olfatológica da leitura, que Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser se esqueceram de teorizar quando lançaram as bases da estética da receção. Fala-se por vezes na musicalidade das sílabas, na cadênciada prosa que reverbera no ouvido independentemente da semântica, mas os livros também têm um cheiro que vem de dentro das palavras.

Graziella é um livro estival, muito doce. Cheira intensamente a sol, a sal, a peixe; às vezes, a flores, a um pouco de vinho e a manjericão. São cheiros que enchem a barriga só de os ler. Inebriam e, a espaços, enjoam o leitor mais cerebral do que sensível. A ação ressuma uma ingenuidade chã, pueril como a quer o narrador; as personagens formam um pequeno e delicado ramalhete de botões escolhidos a dedo, cada uma obedecendo ao seu destino com uma franqueza graciosa; e o